

VOZ

das CINCO VILAS

PERIODICO REGIONAL DE INFORMAÇÃO

Composto e Impresso
«Gráfica de Coimbra»

Director, Proprietário e Editor: Adriano Simões Santo. Redactores: Acílio E. Rocha, Carlos M. Meneses Falcão. Administradores: Serafim Afonso, Arménio M. Ferreira

Redacção e Administração
CHÃO DE COUCE
(Telef. 191 — Avelar)



LINHAS DE RUMO DO CONCÍLIO

- * Tenham os filhos da Igreja consciência viva das suas responsabilidades para com o mundo, fomentem em si um espírito verdadeiramente católico, e ponham as suas forças ao serviço da obra da evangelização. (Ad Gent. 36).
- * A missão da Igreja diz respeito à salvação dos homens, a alcançar pela fé em Cristo e pela graça. (A Leig. 6).
- * Pela actividade missionária se estende, segundo as dimensões e os tempos que o Pai fixou com Seu próprio poder, o Povo de Deus. (Ad Gent. 9).
- * Saibam todos que o primeiro e mais irrecusável contributo para a difusão da fé, é viver profundamente a vida cristã. (Ad Gent. 36).
- * Deste espírito renovado brotará espontaneamente a oferta de orações e de obras de penitência a Deus para que fecunde com a sua graça a acção dos missionários; nascerão vocações missionárias; sairão os recursos de que as Missões necessitam. (Ad Gent. 36).
- * A família cumprirá a sua missão se se mostrar como santuário doméstico da Igreja. (A. Leig. 11).
- * A vocação cristã é também, por sua natureza, vocação ao apostolado. (A. Leig. 2).
- * Aquilo que mais contribui para revelar a presença de Deus é o amor fraterno dos fiéis que, em unidade de espírito, colaboram na fé do Evangelho e se apresentam como um sinal de unidade (G. S. 21).

RUMO AO LAR

Na igreja da Luz, em Lisboa, contraíram matrimónio, no passado dia 18 de Janeiro, a menina Maria Adelaide Marques do Rego, filha de José Lopes do Rego e de D. Alice da Conceição Marques, de Alnofala (Agu-



da) e o Dr. Arnaldo Monteiro de Matos Valente, médico do Hospital de Santa Maria (Lisboa), natural de Alcains. Foram padrinhos por parte do noivo seu pai Gabriel de Matos Valente e D. Maria da Graça Monteiro de Matos Valente, e por parte da noiva Acácio Gomes da Silva e D. Maria Ricardina Marques. No final os numerosos convidados confraternizaram com os noivos, participando num almoço servido num Restaurante da Quinta de S. Vicente (Lisboa). Ao novo casal que fixou residência na Reboleira (Lisboa) auguramos as maiores felicidades.

ARCO-ÍRIS

PARA QUANDO NO DISTRITO DE LEIRIA?

Lemos nos jornais a notícia da reunião do Governador Civil de Coimbra, Eng. Horácio de Moura, com os representantes dos Órgãos de Informação, sobre as actividades do Plano de Bem-estar Rural naquele distrito.

Cerca de 60 000 contos se gastaram já no distrito de Coimbra ao abrigo desta Obra extraordinária, em assistência e em iniciativas de promoção social. Uma média de mais de 3.500 contos por concelho.

O alcance desta iniciativa benemérita dispensa comentários tão eloquente ele é!

Perguntamos apenas: para quando idêntica obra no Distrito de Leiria?

A NECESSIDADE DUMA REACÇÃO

Do maior interesse são as palavras do Bispo de Lourdes e Tarbes, recentemente proferidas, Oferecemo-las à reflexão dos nossos leitores:

«A nossa época é caracterizada por uma decadência moral, que se generaliza. Por toda a parte, se procura hoje a comodidade e o prazer; a Humanidade lança-se no materialismo e na impureza. Assistimos a uma indisciplina nos costumes verdadeiramente inquietantes; tudo se abandona, tudo se perde. É o constante deixa-correr, em todos os domínios; não se aceitam nem contradições nem disciplina nem incómodos. A liberdade torna-se licenciabilidade (libertinagem). Tudo com a

circunstância agravante de que já se não vê mal em coisa alguma. Mas, o mal faz-se e propaga-se.»

A «RENAULT» E OS EMPREGADOS

PARIS, 17 — A Assembleia Nacional francesa aprovou, esta noite, o princípio da distribuição pelos operários e empregados da Regie Renault (a mais importante firma francesa de automóveis) de uma parte do seu capital.

A ideia deste «interessamento» ou «accionariado operário» tinha sido formulada pelo general de Gaulle no âmbito da participação e, seguidamente foi novamente lançada pelo seu sucessor, Georges Pompidou.

Com a adopção deste projecto, por 381 votos contra 92 (socialistas comunistas), cerca 80 000 operários e empregados receberão perto de um quarto do capital da Regie Renault, continuando o Estado a manter a maioria.

Ao longo dos debates — que duraram mais de seis horas — partidários e adversários desta iniciativa afrontaram-se; de um lado, os membros da maioria afirmando que se trata de uma operação eminentemente social, construtiva e «exemplar», e do outro os «socialistas e comunistas que consideram tratar-se apenas de um modo de «enganar» os trabalhadores.

Como actualmente o capital da Regie é de um bilião e 200 milhões de francos, inicialmente serão distribuídos 120 milhões, o total podendo atingir 300 milhões.

Nalgumas paróquias da nossa região vai realizar-se

O DIA DA AMIZADE DOS JOVENS.
Jovem, toma parte, desde já, nas reuniões preparatórias! Estuda, em grupo, os teus problemas!

EM DIÁLOGO

FILARMÓNICA AVELARENSE



O Regente
Mário Rosa

fala para
OS NOSSOS
leitores

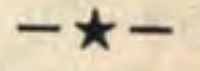
Falar de filarmónicas é falar duma obra respeitável, de acentuada importância no campo associativo e artístico, muito do gosto popular.

Quem não vibra perante um conjunto garboso, de homens apurados, que, com os acordes dos seus instrumentos, enchem de belas harmonias a terra em festa?

Somos dos que reconhecem o brilhantismo que dão às festas e romarias as nossas filarmónicas, despertando entusiasmo e sentimentos de beleza em burgos adormecidos.

As filarmónicas passam uma hora difícil. O progresso na sua marcha implacável, de mistura com muitas coisas maravilhosas, vai deitando por terra tantos valores entre os quais parece que, também, o da vitalidade de tão be'os agrupamentos. Entretanto, mercê dum trabalho admirável de homens dedicados e persistentes eles ainda vão vivendo.

E importam que vivam por muito tempo.



Na nosso região marca lugar de relevo a Filarmónica Avelarense que há dois anos completou meio século de existência.

De comprovados créditos no campo artístico, com larga folha de actividades, levando bem ao longe, com a sua digna presença, a presença e o bom nome da sua terra, bem merece que lhe dediquemos, nas páginas desta desprezenciosa folha um pouco de atenção.

Procurámos, por isso, o seu regente sr. Mário Rodrigues Rosa para uma ligeira troca de impressões e a'guns esclarecimentos.

O sr. Mário Rosa o homem que é a alma da Filarmónica, que dá a vida pela Filarmónica, tem bem jus à administração e homenagem de todos os



avelarenses e amigos daquele agrupamento pela dedicação, aprumo, sacrifício e competência bem manifestados nesta difícil missão, através de bastantes anos.

No nosso encontro ele começou, a nosso pedido, por falar de si.

—Nasci em Luanda há 55 anos. Vim para o Continente, para Baião, aos 11 anos de idade.

Em 1934 vim para o Avelar onde meu pai já se encontrava há 3 anos. Nessa altura, com 20 anos de idade, tomei conta da regência da Filarmónica, o que faço até agora apenas com suspensão de 2 anos — tempo em que estive ausente no Brasil e em que me substituiu o sr. Manuel Rosa da Fonseca.

(Continua na pág. 4)

AVELAR

Doentes

Tem passado mal de saúde ultimamente a sr.^a D. Clotilde Falcão Moreira de Sousa. Por esse motivo tem estado internada na Casa de Saúde de Santa Teresa em Coimbra.

— Vítima de doença súbita, também se encontra na Casa de Saúde da Sofia o nosso bom amigo Dr. José Emídio Figueiredo Medeiros.

A ambos desejamos rápido e pronto restabelecimento para novamente os termos no nosso convívio.

Bodas de Prata

Um lar em festa. Foi no passado dia 10 que os nossos queridos amigos sr. António Rosa Pais e sua esposa D. Albertina Nunes Brás Pais, completaram 25 anos de casados. Por esse motivo, quiseram nesse dia ver sentados à sua mesa alguns dos seus muitos amigos, num convívio alegre de amizade. Daqui nos associamos à sua justa alegria, nela envolvendo seus filhos José Eduardo, Necas e Graça e ficamos à espera das Bodas de Ouro.

Colégio Infante de Sagres

Fizeram a sua festa de despedida os alunos do 5.º ano do Colégio Infante de Sagres. Foi um serão animadíssimo, abrihantado pelo conjunto «Kinzé Varella» e em que tomaram parte grande número de familiares dos alunos. Julgamos que ninguém ficou a chorar os «cro-

codilos», os «jacarés» ou os «sardões» deixados à entrada.

Novos cristãos

Receberam ultimamente o baptismo na nossa igreja:

— Sílvia Bacardit Fité Garcia, filha de Jorge Fité Garcia e de Carmen Bacardit Puig, do Alto Prazo; foram padrinhos Ramon Bacardit Puig e Soledade Mitjanas Martinez.

— Armandina Maria Arnaut Corte Real, filha de Armando Peres Pacheco Corte Real e de Maria Silvina Arnaut Gaspar, da Rua Armando Moreira; foram padrinhos António Joaquim Coelho e Isolete Peres Pacheco Almeida Corte Real Coelho, representados respectivamente por Dr. Gaspar Atayde Amaral e D. Maria Alice Figueiredo Medeiros.

Os que partiram...

Na sua residência, à entrada da Rua Nova, faleceu Carolina Lopes, viúva de António Mendes Lopes. Contava 80 anos.

— Vítima de brutal acidente na máquina onde trabalhava, faleceu Manuel dos Santos Broegas, de 40 anos, da Rapoula. Era casado com Elvira da Conceição e deixa três filhos menores.

Paz às suas almas e os nossos sentimentos a suas famílias.

Novo Lar

Realizaram o seu casamento na nossa igreja, Américo dos Santos Leal e Maria José Ferreira Neto. Desejamos muitas felicidades.

RECONSTRUÇÃO DA CAPELA-MÓR DA IGREJA PAROQUIAL

Começaram já as obras da reconstrução da Capela-Mór da nossa igreja. É consolador verificar em todo o povo da paróquia, a simpatia, o interesse e a generosidade para com a obra a realizar. Não há dúvida, a começar pelas povoações mais afastadas de sede, manifesta-se vivamente o amor à igreja matriz. Continuam a chegar às nossas mãos, espontaneamente, generosas ofertas:

José Marques — Adegas, 500\$; Maria Marques — Adegas, 500\$00; Júlio Caetano da Silva, 150\$00; Artur Rodrigues, 500\$00; Artur Baptista, 100\$00; Manuel das Neves Júnior, 100\$00; Joaquim das Neves, 100\$00; Manuel Simões Cancelinha, 500\$00; Júlio Freire, 120\$00; Luís dos Santos Júnior, 150\$; Adelino Rodrigues, 100\$00; Leopoldino de Sousa Marques Júnior, 100\$00; Joaquim da Silva, 100\$00; Mário Nunes, 100\$00, todos de Albarrol; João Gonçalves — Bairrada, 100\$00; José Rosa — Bairrada, 100\$00; Augusto Rodrigues — Bairrada, 150\$00; Américo Gonçalves Simões — Bairrada, 100\$; Júlio Matias Arroios — Barreira, 50\$00; Acácio Marques Simões — Casal de Além, 100\$00; António Serra — Casais Maduros, 200\$00; João Ribeiro — Casais Maduros, 100\$00; Luzia Maria — Casais Maduros, 100\$00; Américo Mendes — Cavadas, 100\$00; António Mendes — Cavadas, 100\$00; Fernando de Jesus Mendes — Cavadas, 100\$; Francisco António — Charneca, 200\$; Anastácio Nunes — Charneca, 100\$00; Manuel Gonçalves — Charneca, 150\$; Lino Simões — Charneca, 300\$00; Manuel Marques Lopes — Charneca, 300\$00; Acácio Mendes Ramos — Galegas, 200\$00; Manuel Marques — Galegas, 500\$00; Maria da Luz — Gramatinha, 100\$00; António Simões — Gramatinha, 30\$00; Maria Rosa Marques, 50\$; Maria Lucília Medeiros, 700\$00; Elvira Rosa, 100\$00; Hermínia de Jesus Silva, 100\$00; Adriano da Silva Rita, 500\$00; António Freire, 100\$00; Adriano Serra e Silva, 500\$00; Alberto Teixeira Forte, 200\$00; Joaquim das Neves, 500\$; Clotilde da Silva Afonso, 500\$00; Arminda do Carmo, 40\$00; Alberto Mendes, 200\$; Francisco Rosa Alexandre, 100\$; Alberto Pedro de Sousa, 500\$00, todos de Lisboa; Maria Marques — Martim Vaqueiro, 500\$00; Manuel Rodrigues da Silva — Martim Vaqueiro, 1.000\$; Adelino Freire — Martim Vaqueiro, 100\$00; Jacinto Gonçalves — Martim Vaqueiro, 200\$00; Alfredo Freire — Martim Vaqueiro, 200\$00; Manuel Gonçalves Novo — Martim Vaqueiro, 100\$00; Prof.^a Maria José Rosa Lopes — Mouta Redonda, 500\$00; Prof.^a Lídia Rosa Lucas Afonso — Mouta Redonda, 500\$00; Maria Emília dos Neves Gomes — Mouta Redonda, 100\$00; Ermelinda Ferreira Gomes — Mouta Redonda, 100\$; Francisco Gomes — Mouta Redonda, 30\$; João Fernandes — Mouta Redonda, 500\$00; António Silva Rodrigues — M. Redonda, 1.500\$00; Afonso Marques — Murtal, 200\$; Américo Gaspar — Murtal, 200\$00; António Gomes Ladeira — Murtal, 100\$00; Albertino Simões — Murtal, 100\$00; António Gonçalves — Outeiro, 100\$00; António Marques — Outeiro, 150\$00; Manuel Ferreira — Pedra d'Adega, 100\$00; Manuel Carvalho das Neves — Pedra d'Adega, 250\$00; Teresa do Carmo — Pedra d'Adega, 50\$; Manuel da Silva — Pereiro, 200\$; Manuel Rodrigues dos Santos — Pereiro, 100\$00; Carlos Silveiro — Pereiro de Baixo, 100\$00; Ilda da Conceição Gonçalves — Pereiro de Baixo, 100\$00; Américo Neves Marques — Pereiro de Baixo, 200\$00; António Lopes Júnior — Pereiro de Baixo, 100\$00; Adriano Gonçalves — Pereiro de Baixo, 250\$00; Joaquim das Neves — P. de Baixo, 150\$00; José dos Santos — P. de Baixo, 100\$00; António Rosa Rodrigues — Pereiro de Baixo, 100\$00; Bernardino

POUSAFLORES

Ventura — Pereiro de Cima, 500\$00; Manuel Furtado Gaspar — Pereiro de Cima, 500\$00; P. Ricardo Gonçalves — Pessegueiro, 200\$00; Mariana da Silva Pessegueiro, 2 eucaliptos; Maria das Neves — Pessegueiro, 2 pinheiros; Ricordina das Neves — Pessegueiro, 40\$; Manuel Gomes Cotrim — Pessegueiro, 100\$00; Artur Marques — Pessegueiro, 1 pinheiro; Beatriz Rodrigues — Pessegueiro, 1 pinheiro; Manuel Luís das Neves — Pessegueiro, 200\$00; Augusto Nunes — Pessegueiro, 2 pinheiros; Jacinto Simões Girio — Pessegueiro, 100\$00; Maximina de Jesus — Pessegueiro — 100\$00; João Lopes — Pinheiro, 100\$00; Fernando da Conceição Gomes — Portela de S. Caetano, 500\$00; Manuel Serra — Portela de S. Caetano, 1.000\$00; João Simões — Portela de S. Caetano, 100\$00; Francisco Rodrigues Amorim — Portela de S. Caetano, 100\$; Alberto Gaspar da Silva — Portela de S. Caetano, 200\$00; Eugénio Marques — Portela de S. Caetano, 150\$00; Maria da Luz — Portela de S. Caetano, 100\$00; José Fernandes Dias — Portela de S. Caetano, 100\$00; José Simões Dias — Portela de S. Lourenço, 1.000\$; José Mendes — Pousaflores, 500\$00; Joaquim Rodrigues — Pousaflores, 200\$; António Caetano — Povral, 200\$00; Abílio Mendes Bártolo — Povral, 500\$00; Júlio Lopes Dias — S. João de Brito, 2 pinheiros; António Ferreira — Sarzedá, 200\$00; Domingos Marques — Vale de Vide, 200\$00; Augusto Marques — Vale de Vida, 500\$00; António de Barros — Vale de Vide, 150\$00; Francisco Gonçalves — Vale de Vide, 150\$00; Alfredo Lopes — Venda do Negro, 300\$00; Alfredo Fernandes — Venda do Negro, 100\$00.

(Continua)

BAPTISMOS

Receberam solenemente na igreja paroquial o Sacramento do Baptismo as crianças que seguem:

No dia 4 de Janeiro, a menina Ana Bela, filha de Fernando Marques das Neves e de Mavilde do Marco Rodrigues, do lugar de Pedra d'Adega. Foram padrinhos Manuel Carvalho das Neves e sua esposa Maria Júlia Neves dos Santos.

No dia 11, o menino Paulo Jorge Marques Ferreira, filho de Manuel Ferreira e de Maria Helena Marques Gomes, do lugar de Lisboa. Foram padrinhos João Marques Gomes e sua esposa Maria Teresa Marques Gomes.

No dia 18, o menino Adriano Rodrigues Duarte, filho de Manuel Duarte Alves e de Ana Rodrigues Simões, do lugar da Barreira. Foram padrinhos João Simões e sua esposa Maria Augusta de Jesus.

No dia 1 de Fevereiro — a menina

Maria Odete Afonso Neves, filha de Manuel António das Neves e de Maria da Luz Ventura Afonso Neves. Foram padrinhos António Antunes e Maria Albertina Oliveira Mendes. Os pais da criança residem no lugar da Portela de S. Caetano, desta paróquia

CASAMENTOS

No dia 4 de Janeiro, contraíram matrimónio na Capela pública de S. João de Brito, os nubentes Manuel Rodrigues e Andete Mendes, residentes no lugar das Cavadas. Testemunharam o acto, Serafim Francisco Repolho e Leandro Rodrigues.

No dia 25 — Uniram-se em matrimónio, na Capela pública de S. Bartolomeu, do lugar de Pereiro de Baixo. Fernando Ferreira, do lugar da Rominha, freguesia e concelho de Alvalázere e Maria Fernanda Rosa Mendes dos Santos, do lugar do Pereiro de Baixo.

Aos novos lares desejamos muita felicidade copiosas bênçãos do Senhor.



Força

— O meu filho com 5 anos já levanta pesos de 10 quilos!
— Olha que grande coisa! O meu só com 3 meses, quando chorava, levanta toda a gente lá em casa!

No Médico

— Ó sr. Doutor, então quando eu começar a usar óculos vou poder ler?
— Claro que sim!
— Ai que bom! Finalmente vou deixar de ser analfabeto!

No Quartel

Sargento de dia:
— Ouve lá, ó Cruz, porque é que tu não fizeste a barba?
— Eu, meu furriel? Julgo que a fiz. Mas como nos lavabos só há um espelho e estavam lá mais dez camaradas, naturalmente en-ganei-me e fiz a barba a um deles.

(Anedotas enviadas pelo militar Adelino Francisco — S.P.M. 7426).

AGUDA

PONTE DA RIBEIRA DO SALGUEIRO

Pela Câmara Municipal foi mandada construir uma robusta ponte de pé e para animais de carga, sobre a Ribeira do Salgueiro, junto à sua foz no lugar da Ponte de S. Simão, no local onde em tempos houve outra mais fraca e menos funcional.

Foi assim concedido um melhoramento às povoações de Cercal, Lom-

ba da Casa, Salgueiros e outras, cuja falta há muito se fazia sentir.

D. MARIA DOS PRAZERES SILVA

No dia 1 do corrente mês, faleceu no Casal de S. Simão a sr.^a D. Maria dos Prazeres Silva, deixando um recém-nascido.

Era casada com o sr. António Fariña da Silva e contava 45 anos de idade.

MAÇÃS DE D. MARIA

CONCENTRAÇÃO REGIONAL

Por iniciativa da Acção Católica Diocesana realizou-se no dia 15 de Fevereiro nesta vila uma Concentração Regional de Jovens (rapazes e raparigas).

Teve a presença de representações

das paróquias de Maços de D. Maria, Alvorge, Chão de Couce, Maços de Caminho, Alvalázere e Arega. Todos os participantes tomaram parte em duas sessões de estudo no Salão Paroquial, sob a orientação de elementos da D. D. de Coimbra e seu assistente, sr. P. Saúde.



Franco Cabeleireiro

ARTE E BOM GOSTO
ao Serviço da Beleza Feminina
Telef. 101
PONTÃO — AVELAR

LEIA E GUARDE PARA SEU INTERESSE

Não ponha de parte o seu fato usado, aquele fato que V. Ex.^a gostava, mas que já não gosta por ter apanhado nódoas de qualquer natureza. Mande-o limpar quimicamente ao antigo Técnico de Tinturaria

Mário Soares Dias

RETIRO DO GATO PRETO

VILA DO ESPINHAL

e verá que o seu fato ou qualquer espécie de vestuário de senhora ou criança fica como novo.

Cada freguês que sirvo, um freguês que arranja

Fica ao vosso dispor em CHÃO DE COUCE o meu agente senhor
ARLINDO DE SOUSA (Alfaiate)

QUARESMAS

CRISTÃO, PROCURA CUMPRIR!

ANTES DA CONFISSÃO

- Não obrigues os outros a deixar-te passar à frente.
- Não deixes a confissão para o último instante.
- Não faças à pressa o exame de consciência.
- Não converses enquanto esperas.
- Não escutes os pecados dos outros enquanto se confessam. Se isto, voluntária ou involuntariamente acontecer, lembra-te que estás obrigado ao mais rigoroso segredo.
- Não esqueças de te estimulares ao arrependimento e à dor, olhando para o Crucifixo ou meditando na Paixão de Jesus.
- Não é necessário que a dor dos pecados seja sensível; basta a vontade firme de os detestar e te emendares deles.
- E não desanimes nunca; o propósito que nasce da dor tem sempre valor quando apoiado na graça de Deus.

DURANTE A CONFISSÃO

- Não digas os pecados dos outros, mas somente os teus e sem os repetir.
- Não justifiques cada falta como se os responsáveis fossem os outros.
- Não obrigues o confessor a arrancar-te os pecados um a um.
- Não penses que Deus te perdoou se no teu íntimo estás disposto a procurar novamente as ocasiões de pecado.
- Não enganés o confessor com reticências como se fosse lícito e possível enganar o Senhor.

DEPOIS DA CONFISSÃO

- Tem cuidado de cumprir a penitência que te foi imposta.
- Agradece reconhecido ao Senhor o dom incomparável da Sua misericórdia.
- Sê fiel à tua palavra dada: com o auxílio da Vossa divina graça proponho firmemente emendar-me e nunca mais Vos tornar a ofender.
- Lembra-te que a palavra penitência quer dizer mudança de pensar, emenda de vida.

COMO COMUNGAR BEM

Comungar é receber o Corpo de Cristo. A presença de Cristo na Eucaristia é um mistério da nossa Fé. Acreditamos porque Cristo o afirmou na Última Ceia e mandou repetir aos Apóstolos e seus sucessores aquelas palavras e gestos miraculosos. E Cristo é Deus que não engana nem pode enganar-se. Como o pão e o vinho, em que está presente, a presença de Cristo na Eucaristia é para aquele que a recebe **alimento, força, união, garantia de vida eterna** com Deus depois da morte. «Quem comer a minha carne e beber o meu sangue viverá eternamente. Quem não comer a minha carne nem beber o meu sangue não viverá eternamente», disse Jesus.

É **Necessário:**

- ★ **Acreditar pela Fé que na Eucaristia está presente o Corpo e o Sangue de Cristo.**
- ★ **Retirar de si o pecado que impede a presença de Cristo pela graça, na amizade.**
- ★ **Estar disposto a defender essa presença de Cristo, afastando o mal e o pecado, no futuro.**
- ★ **Estar em jejum: não ter comido ou ingerido bebidas alcoólicas há três horas, e outras bebidas, excepto água, há uma hora.**

N. B.— A Igreja considera indispensável que o Cristão comungue pela Páscoa a fim de que possa corresponder a esta grande prova de amor de Cristo, não desprezar este meio de santificação, ter a garantia da vida eterna, sentir mais força para evitar o mal e ter maior presença da amizade de Deus. Sem Eucaristia não há verdadeira Páscoa ou verdadeira amizade e união com Deus.

EU CREIO EM JESUS CRISTO

— O HOMEM FILHO DE DEUS, QUE RESSUSCITOU

Na profissão concreta de fé de muitos cristãos não ressalta a importância fundamental desta afirmação que constitui o núcleo de tudo quanto acreditamos. Por vezes, a fé é um emaranhado de afirmações e não a adesão à pessoa de Cristo. Esta afirmação da fé, na viragem da história em que estamos, tem necessariamente uma formulação diversa da do passado e encontra em nós ressonâncias ignoradas, a verificar uma vez mais o que

vem no Evangelho: «é como um homem que tira do seu tesouro coisas novas, que são velhas».

Crer em Jesus Cristo

é **crer que Deus é amor**

Não sabemos falar de Deus porque Deus é maior do que nós. Só com as palavras de Jesus Cristo e só com Ele, que é a «palavra» que Deus nos diz. «Nunca ninguém viu Deus. Foi o filho único, que está no seio

(Continua na pág. 4)

SACRAMENTO DO PERDÃO



RECORTES

A Confissão ou Penitência é o sacramento instituído por Jesus Cristo para perdoar os pecados cometidos depois do Baptismo.

No dia em que o Senhor ressuscitou disse aos apóstolos: «A paz seja convosco. Assim como meu Pai me enviou, assim vos envio a vós. Recebei o Espírito Santo.

Aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem os retiverdes, serão retidos».

Deste modo Jesus deixou aos apóstolos e sucessores este poder divino.

Foi o primeiro dom que o Senhor ressuscitado concedeu aos homens.

E não é este sacramento admirável o sacramento da ressurreição que dá a vida da graça a tantas almas mortas pelo pecado?

Só Deus pode perdoar os pecados. Mas pode perdoar como quiser.

Podia fazê-lo directamente, mas quer perdoar por meio dos seus ministros, os sacerdotes.

Muito convinha que assim fosse, pois:

«É este o meio pelo qual Jesus instrui e santifica os homens.

A relação imediata de cada homem com Deus dá facilmente lugar a enganos e ilusões.

O homem sinceramente arrependido sente necessidade de uma palavra que o assegure do perdão.

E dá ensejo ao exercício das principais virtudes morais, é remédio directo do pecado, que é soberba e prazer, em virtude da humilhação que está incluída na confissão a que obriga e na penitência que é imposta». (Perardi).

Não há pecados, por maiores e numerosos que sejam, que não possam ser absolvidos.

Por muitos e grandes que sejam, a bondade, a misericórdia de Deus é infinitamente maior.

Que seria de nós, se Deus não tivesse instituído este sacramento?

Muitos se condenavam, pois pecaram gravemente depois do Baptismo.

O sacramento da confissão é necessário para a salvação de todo o cristão que depois do Baptismo cometeu pecado mortal, porque sem este sacramento (na realidade ou em desejo) não pode recuperar a graça santificante.

— ★ —

Para voltarmos a Deus depois do pecado, imitemos o filho pródigo de que nos fala a parábola do Evangelho.

Este, no meio da miséria, cai em si e reconhece o mal feito (exame de consciência); sente viva dor por ter sido tão ingrato para com o pai (arrependimento); quer voltar à casa paterna e recomeçar vida nova (propósito); vai ter com o pai, acusa as suas faltas e pede perdão (confissão); não quer daí em diante ser tratado como filho, mas como servo (satisfação).

Para fazer a confissão bem feita é necessário portanto:

1) Exame de consciência. Devemos investigar com diligência os nossos pecados a partir da última confissão válida.

Quanto aos pecados graves, procuremos saber quantas vezes os cometemos, pois na confissão devemos declarar o número deles.

Se não nos lembramos do número exacto, digamos aquele que nos parece mais próximo da verdade.

Para maior facilidade, podemos dizer quantas vezes os costumávamos cometer por mês, por semana, ou por dia.

Devemos também declarar as circunstâncias que mudam a espécie do pecado.

2) Dor dos pecados. Não basta conhecer os pecados, é preciso arrependimento.

Há a dor perfeita ou contrição e a dor imperfeita ou atrição.

a) Temos contrição, se nos arrependemos dos pecados por serem ofensa a Deus, nosso Pai, infinitamente bom e amável.

b) Temos atrição, se nos arrependemos apenas pelo temor dos castigos eternos e temporais, ou ainda pela torpeza do pecado.

Embora baste, quando nos confessamos, ter atrição para recebermos o perdão dos pecados, não nos contentemos com isso; excitemo-nos à contrição e obteremos mais graças, melhor fruto e mais facilmente havemos de perseverar no bem.

É necessário ter dor de todos os pecados graves cometidos.

Se apenas de um se não está arrependido, não se obtém o perdão de nenhum. É que Deus e o pecado não podem viver juntos.

«De que serve quebrar todos os laços, se ainda há um que nos liga ao inferno?», exclama S. Agostinho.

3) Propósito de emenda. Este é a vontade firme de, com a graça de Deus, evitar o pecado e fugir das ocasiões.

É consequência necessária da dor. Sem isto, o arrependimento não seria sincero.

E quem não quer o pecado, faz o possível por evitar também tudo o que a ele conduz, ou seja, foge das ocasiões.

«Quem ama o perigo, nele perecerá.»

Jesus salvou da lapidação a mulher adúltera, mas antes de a despedir, disse-lhe: «Vai e não peques mais».

São estas palavras que o Senhor dirige também a cada um de nós.

(De «Religião e Vida» de M. Vieira)

Com a falta de braços acentua-se a crise da Lavoura

Que a lavoura portuguesa atravessa uma das mais angustiantes crises da sua existência multi-secular, já não constitui segredo para ninguém.

Os ecos alarmantes dos pequenos e grandes proprietários, chegaram já ao Terreiro do Paço, tendo amarinhado, em levadas sucessivas, a S. Bento.

No entanto, tudo continua como dantes.

Com os pés bem agarrados ao torrão que os viu nascer, os lavradores lutam ainda, desesperadamente, titanicamente, pela salvação das suas leiras. A estonteante falta de mão-de-obra é das piores que já se conheceu.

Muitos lavradores há, que des-norteados pela exorbitância salarial, preferem deixar as terras por amanho e os frutos a apodre-

bora com grande decepção, todos verificaram que os preços de venda eram os mesmos que tinham vigorado na última campanha oleícola.

Já no tempo de Camilo, a lavoura era um meio de empobrecer alegremente. Mas nos tempos que vão correndo a agricultura nacional é um meio de ruína a curto prazo.

A maioria dos nossos terrenos da Beira, estão de «baldio», cobertos de mato, estevas e silvas. Abandonados aos inconvenientes do «pousio», às depravações dos elementos da Natureza, forçam inevitavelmente a diminuição dos géneros alimentares, imprescindíveis para subsistência de todos, quer labutem no agro ou não.

Deste modo, imprescindível é o recurso à onerosa importação a qual custa ao erário nacional o dispêndio de avultadas divisas, que cada vez mais vão desequilibrando o fiel da balança orçamental interna.

São de tal modo complexos os males de que enferma a lavoura portuguesa, mormente a lavoura minifundiária, que não se mostra fácil descobrir terapêutica adequada para debelar a enfermidade.

Muitas promessas, muitos con-

selhos e talvez não falem muito boas vontades. Mas tudo isto e só isto, não chega para solucionar os gritantes problemas que de múltiplas maneiras assoberbam a causa rural.

Teremos pois de pôr de lado panaceias e encarar o assunto de frente visto que não é com milagres ou virtuosismos de quem governa que o assunto se resolverá. Também não cremos ser a iniciativa privada, como se tem querido fazer crer, para alijar responsabilidades, a única culpada de tanto marasmo e até a airosa solução para o almejado problema que se nos antepõe.

Neste país de videiras o vinho subiu para seis escudos o litro, que não seja tomado em restaurante que aí, terá o consumidor de o pagar por oito, nove ou doze escudos.

O Fundo de Melhoramentos Agrícolas concedeu verbas à lavoura que totalizaram 6.862.460\$00, sendo os subsídios assim escalonados: aquisição de máquinas 3.463.960\$00; obras de rega, 5.245.000\$00; bem estar rural, 269 contos.

Os empréstimos, por sua vez, destinam-se a obras de rega, com 638.500\$00; compra de máqui-

(Continua na pág. 5)

EU CREIO EM JESUS CRISTO — O HOMEM FILHO DE DEUS, QUE RESSUSCITOU

(Continuado da pág. 3)

do Pai, que O deu a conhecer» (João, 1, 18).

A aparição de Jesus Cristo eclipsou várias imagens de Deus, fê-las definitivamente ultrapassadas:

— Morreu a imagem de Deus temível e terrível de certas religiões antigas e de certos ambientes, em que Deus é apresentado como um «papão».

— Morreu a imagem do Deus relojoeiro que um dia montou o mundo, o pôs em movimento e o vendeu, tendo-se desinteressado depois.

— Morreu a imagem do Deus nacional, génio benigno que acompanha a nação, a protege e a faz caminhar de triunfo em triunfo.

— Morreu a imagem do Deus-«norma», regra fixa do mundo e polícia universal da estabilidade social e moral.

— Morreu a imagem do Deus-«segurança», resposta para todas as questões e refúgio para todas as angústias, tapa-buracos das insuficiências humanas.

— Morreu a imagem do Deus inimigo do progresso e mordada do desejo de justiça.

«E nós reconhecemos o amor

que Deus tem por nós e acreditamos nele: DEUS É AMOR; o que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele» (I Jo. 4, 16).

AMOR que é entrega de pessoas e partilha de vidas; «Que eles sejam um como nós somos um; eu neles e tu em mim... para que o mundo reconheça que tu me enviaste e eu os amei» (Jo. 17, 22-23); «Se alguém me ama, guardará a minha palavra, meu Pai o amará, viremos a ele e nele faremos nossa habitação» (Jo. 14, 23).

Jesus Cristo é o Emanuel, que quer dizer: Deus conosco. Deus entregou-se-nos com tanta intensidade que, em Jesus Cristo, é um de nós.

O seu amor vai até à partilha de vida. Jesus Cristo viveu vida de homem: «Crescia em sabedoria e em graça»; «julgavam-no o filho do carpinteiro...» É constantemente solidário de nós: «Estarei convosco até à perfeição do mundo».

AMOR que é solicitude que se estende a tudo e a todos: Mt. 5, 45: o Pai que dá a chuva aos bons e aos maus. Mt. 10, 29-31: «Até os cabelos da vossa cabeça estão contados».

AMOR que procura (que é sempre o mais fraco) e perdoo.

PARA CAMINHAR:

Qual é o meu Deus? É o Deus de Jesus Cristo? Penso nele com temor, imagino-O lá em cima, só chamo por Ele para resolver os meus problemas difíceis? A sua imagem acorda em mim desejos de transformar o mundo ou de deixar tudo como está? Fico desiludido quando Ele não me dá resposta para o mal que há no mundo ou ama-o na obscuridade em que me envolve? Ao mudarem certas normas morais, tenho a impressão de que Deus está a mudar?

DEUS É AMOR. O amor vive-se, não se explica. Falo de Deus num contexto de amor? O testemunho que dou de Deus aos meus amigos, aos colegas de trabalho, em família, sai dum esforço constante para amar como Deus, ou é palavriado?

Sempre que falar de Deus devo perguntar a mim próprio se amo.

Porque é que somos assim, criaturas que conhecem, criam e amam? Esta ideia do que somos não nasceu num dia. Existe. Porque Deus é AMOR. Não é Alah, o misericordioso mas solidário. O mistério de Deus não é um mistério de solidão mas de comunhão, de criatividade. É próprio dele, de Sua natureza, conhecer, amar, dar e receber. Por isso é que nós somos assim. Existir para o homem é participar no que Deus é. AMOR.

Na nossa vida de todos os dias, uma vida por vezes muito igual e outras vezes cheia de complicações, em que é preciso pensar nas mil coisas que reclamam a nossa atenção, eis a luz que vem de Deus e nos ilumina: o AMOR. É ela que deve guiar a nossa caminhada, se é que não queremos falhar a nossa existência: «Filhinhos, não amemos com palavras mas com acções, seriamente. Nisto reconhecemos que somos da verdade» (I Jo. 3, 18-19).

Por FABIÃO BAPTISTA

cerem nas árvores, embora sazonados e a solicitarem caridosa mão que os colha.

Na região de Tomar, vai uma azáfama sem precedentes, arrancando oliveiras que foram o orgulho e o sustentáculo de várias regiões, para em seu lugar plantarem macieiras e citrinos.

Assim, olivais inteiros estão a ser imolados, só porque a colheita da azeitona está incomportável e o preço do azeite continua irrisoriamente baixo.

Talvez no simples facto de Paris albergar, nos nossos dias, mais trabalhadores portugueses do que qualquer cidade provincial da metrópole.

A constituição demográfica de Morangis (povoação saléite de Paris), bem como de Arpajon, Palaiseau ou Longjumeau, tem uma percentagem de portugueses superior à dos seus naturais franceses.

E é pena... tudo se exila, tudo se demite da lavoura, tudo parte.

Dos poucos que ainda ficam, a maioria já saiu, estropeados ou inválidos, exigem salários de tal modo elevados, que são absolutamente incomportáveis para os deficitários orçamentos da lavoura minifundiária, onde se torna impossível a mecanização e onde tudo se compromete quase à insolvência.

Consequentemente, apodera-se o desânimo de todos.

Para agravar esta crise endémica o critério estadual de continuar a importar produtos, cuja abundância nacional cria um superlotamento. Deste modo, na presente época estão a apodrecer toneladas e toneladas de tubérculos, nos armazéns dos produtores, só porque Grémio Nacional de Frutas, em presença da batata de estranha, não teve necessidade de levantar as portuguesas.

O azeite, cujo custo da apanha da azeitona sobe desmesuradamente, de ano para ano, continua no mesmo preço, por mais estranho que tal pareça.

Há poucos dias ainda, uma onda de optimismo percorreu os lavradores da Beira, quando tomaram conhecimento das alterações que o Ministério da Economia introduziu no regime de lotação do azeite com outros óleos vegetais.

No entanto as tabelas vieram da Junta Nacional do Azeite e em-

FILARMÓNICA AVELARENSE

(Continuado da pág. 1)

— Quando foi fundada a Filarmónica de Avelar?

— Em 1918, a 7 de Novembro, por Padre Manuel Mendes Rosa (seu primeiro regente) e Alfredo Manso. Quanto a outros regentes recordo os nomes de Augusto Soares, Manuel Nunes, Manuel Domingues Rosa, Pato da Luz (todos de fora). Da terra: Emídio Simões, José Maria Eugénio e José Mendes Rosa. Substituiu uma tuna que havia sido criada em 1914. A data da fundação é sempre festejada com um jantar para os filarmónicos e amigos.

Nunca esteve suspensa, sem actividade, embora tenha passado por algumas crises.

— Luta com dificuldades?

— Oh! se luta!... Como todas! Dificuldades materiais visto termos construído uma nova sede em que se gastaram 144 091\$00 (havendo um déficit de cerca de 8.000\$00). Outra — a maior — é a falta de elementos, pois alguns têm emigrado, não obstante viverem num meio industrial com recursos. Por outro lado não há crianças que se disponham a aprender e executar música. Os que aparecem nota-se faltar-lhe capacidade e mentalidade.

Julgo que, para isso, muito contribui a Televisão que absorve os jovens nos seus tempos livres, e a entidade patronal que parece não incentivar, neste sentido, os seus operários. Recordo o caso de terras do Norte onde são os próprios industriais a promoverem com os seus operários filarmónicas e grupos desportivos.

— Mas haverá vocações no meio?

— Deve haver! O que é preciso é despertá-las, escolhe-las e incentivá-las.

Seria interessante que os patrões dessem preferência aos operários que soubessem ou se dispusessem a aprender música.

Assim conseguiríamos ter um bom elenco de executantes.

Acho, também, que deveria haver aula de música na escola primária, dirigida por um mestre competente, como aliás sucedia noutros tempos...

— Como encara o futuro?

— Encaro-o com certas apreensões, pois continuam a sair (por emigração). Entretanto não creio que a nossa filarmónica desapareça. Não surgirão dedicações e boas vontades, que garantirão a continuidade. Não poderá morrer uma obra que tanto custou a criar e a manter.

— Que nos diz quanto à disciplina entre os executantes?

— No espírito de ordem e acatamento não tenho queixa da rapaziada. São correctos, e disciplinados.

— E quanto à Direcção?

O espírito da direcção não é o de ditadura. Embora haja quem mande, por direito, tudo é discutido e combinado em conjunto. Por exemplo: há um instrumento a comprar. Então o problema é posto à consideração de todos. Diz-se: — concordam que a festa seja para isso? Normalmente há união e bom acordo e as coisas caminham. Dentro do mesmo espírito se tomam outros assuntos como o jantar anual, questões da sede, etc..

— Qual a direcção actual?

— É a seguinte: Assemb. Geral: Adeline Antunes Pintassilgo, Alfredo Simões Faroleiro, António Fernandes. Direcção: Manuel Antunes Curado, Mário Rodrigues Rosa, Alfredo Braz Medeiros, Júlio Rosa Medeiros e Vasco Fernandes. Conselho Fiscal: Alfredo Mendes Duarte, Alberto Henriques e Alfrío Diz.

Como vê, além da Assembleia Geral, todos os restantes elementos são executantes da própria Filarmónica.

— A Filarmónica tem muitos sócios? Cerca de 170. Entretanto os fixos, que contribuem, são pouco mais de 100 — o que é diminuto para os nossos grandes encargos.

— Porque não se inscrevem mais sócios?

— Porque alguns queriam ter certas regalias que não é possível tal como concertos aos domingos — benefício que nem noutros meios maiores se consegue.

Entretanto há certos divertimentos na sede em que os sócios são beneficiados — tanto quanto quanto a sua pequena cota o permite.

Eu julgo que o sócio deveria ser sócio especialmente por amor à terra e a esta obra que leva longe o seu bom nome. Aliás... temos bastantes que assim sentem.

— Têm tido bons benfeitores?

Sim. Sobretudo quanto à sede tivemos muito bons benfeitores que tornaram possível esta obra. Entre eles quero salientar a sr.ª D. Elvira Barata que cedeu o terreno, o sr. Comendador Alberto Mendes Rosa, Manuel Lavos André, residente em Lisboa, e outros. Ultimamente também temos a agradecer o subsídio anual que nos é concedido pela Câmara Municipal.

— Tem mais alguma coisa a dizer, sobre a Filarmónica, sobretudo ao povo de Avelar?

— Tenho a dizer que é preciso que todo o povo colabore cada vez mais com a nossa Sociedade, que os novos se disponham a entrar como executantes e que todos a ajudem material e moralmente.

— ★ —

E pronto! Restou-nos agradecer ao sr. Mário Rosa a atenção dispensada e desejar à sua Filarmónica o melhor futuro e os maiores êxitos para seu maior prestígio e bom nome de Avelar.

VOZ
das
CINCO VILAS
ORGAO INTERPAROQUIAL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Administração
CHÃO DE COUCE
Telefone 191 (rede de Avelar)

Condições de Assinatura Anual:

Continente	20\$00
Ultram. Português e Estran- geiro	30\$00
Por avião	60\$00

(Pagamento Adiantado)

ASSINANTES BENFEITORES

Com 120\$00 — Fernando Simões Vaz e Maria da Encarnação M. Rodrigues, da África do Sul.

Com 100\$00 — Alberto Ventura — Rodésia; Arlindo Mendes Joaquim — Nampula; Henrique Alves — África do Sul.

Com 80\$00 — Alberto da Silva — Lobito.

OUTROS ASSINANTES

Eugénio Marques — Lisboa; D. Maria Augusta Ferreira Jacob — Avelar; António Pires Grego — Azeitão; D. Albertina Calado — Avelar; Raúl do Nascimento Ferreira — Avelar; José Maria de Freitas Alves — Avelar; João dos Santos — Brasil (2 anos); Joaquim Nunes — Beira; Augusto Franco — Pontão; Dr. Mário Rosa — Fundão; Alberto da Silva — Pereiro de Cima (dois anos); Francisco Simões Santo — Malawi; Adriano M. Morgado — Moçâmedes; Virgílio Marques — S.P.M.; Albino José da Ascensão — França; Manuel Marques Ferreira — Itanhaem; António da Paz — Ansião; Abel Santos e Silva — Lisboa; Fernando da Conceição Gomes — França; Artur da Silva Matias — Lisboa; José Henriques Marques dos Santos — Lourenço Marques; Manuel Simões Peres — Avelar; António Lopes Luciano — Amieira; Acácio Lopes Neno — Venezuela; Carlos Alberto Lopes Neno — Venezuela; Maria Emília Neves Gomes — Avelar; Alfredo Ferreira — Avelar; D. Lúcia da Conceição Simões — Vila Cabral; Américo Gaspar — Murtal; Felismina Maria — Barreira; Augusto Marques — Vale da Vide; José da Silva — Alqueidão; Américo Coimbra Figueiredo — Pontão; Emília Fernandes — Amieira; Alberto Marques — Chão de Couce; Dr. D. João Pais de Almeida e Silva — Chão de Couce; Alfredo Mendes Roberto — Lagoa; António dos Santos Ribeiro — Lagoa; Fernando Simões Vaz — Venezuela; Alberto Jorge — Pombais; Fernando Francisco Rodrigues — S.P.M.; Américo Nunes — Beira; António Lopes Júnior — Tojeira; Mons. Raúl Mira — Luso; Abílio Augusto Lima — Santos; Arménio Fernandes Lopes — Brasil; Alberto Teixeira — Oeiras; Alberto Lopes — Galegas; Manuel Gomes Diogo — Vila Pouca; Adelino Freire — Lameirão; Abílio Furtado Ribeiro — Cabecinho; D. Maria Ermelinda Abreu Faria — Avelar; Capitão José Sá Araújo — Figueiró dos Vinhos; D. Isabel Baptista Moreira — Avelar; Norberto Henriques, Avelar; D. Maria Eduarda Rollin Barata — Quinta de Cima; João Leal Godinho — Corga; D. Silvina Conceição Lopes — Pontão; João de Deus —

Moutas; Jorge Freire — Chão de Couce; Augusto Freire — Chão de Couce; José R. Silva — Barroca; João Ferreira — Lisboa; António Mendes — Cavadas; António Lucas Afonso — Mouta Redonda; Abílio Caetano de Lima — S. Mouro; Alberto Marques — Amieira; Emídio Coimbra — Timor; Alfredo Nascimento Costa — Angola; António Dias Ferreira — Pedra do Ouro; Afonso Rodrigues da Silva — Rapoula; Joaquim dos Santos Pinto — Espinheira; Manuel Medeiros — Relvas — Serafim José de Sousa — Q. Baixo; Carlos Alberto Mendes Pires — Parede; Armando Freire Castela — Mata de S. Jorge; Luís Marques — Galegas; Henrique dos Santos — Ribeirinho; Francisco de Melo — S. Mouro; Alfredo dos Santos — Chão de Couce; Carmindo do Sul Pereira — Chão de Couce; D. Maria do Carmo Lopes Vale — Coimbra; Aires Nunes — Barroca; Manuel Rodrigues de Silva — Angola; Adelino Félix de Sousa — S. Mata; Albino das Neves Lopes — África do Sul; Joaquim Pinhão — Amieira; Joaquim Afonso — Beira; Joaquim Afonso — Venda Nova; Eng.º João Neves de Noronha — Lisboa; Abílio Mendes da Silva — Serra do Mouro; Francisco Lopes — Lisboa; Mário Pereira da Silva — P. Freixo; António Mendes Serra — Cómoros; Manuel Rodrigues Serralheiro — Casal S. Braz; António Mendes da Silva — Fonte; Maria Angelina Lopes — Freixeira; Idalina da Conceição — Cómoros; Filipe Mendes — Pinheiro; Adriano Marques — Mata de São Jorge; Manuel P. Norte — Lameiras; Joaquim Mendes — Lameiras; Américo Gaspar Fernandes — Venezuela; José Mendes — Rodésia; Emídio da Silva — Amieira; Armando Ferreira — Amieira; Abílio da Silva Rodrigues, Barroca.

ATENÇÃO!

Mensalmente teremos de ir pagando à Tipografia e Correios cerca de 2.500\$00. Pedimos, pois, aos estimados assinantes, que nos vão acudindo, enviando as importâncias referentes ao ano em curso.

Temos dezenas de assinantes do Ultramar e Estrangeiro que não pagaram o ano transacto nem 1968. Esses vão ser riscados, a não ser que os próprios ou suas famílias satisfaçam os seus débitos.

Fazem o favor de receber assinaturas, além dos Revs. Párcos, os srs.:

- Manuel Gomes da Silva — Chão de Couce
- Mário Simões Vaz — Pedra do Ouro
- Eduardo Estanqueiro Rocha — Avelar
- Lopes, Santos & Marques — Pontão
- Armando Duarte dos Santos — Fato.

NOTA DO MÊS

(Continuado da pág. 6)

Uma ideia que vem da América. E se ela, um pouco mais aperfeiçoada, pegasse entre nós? E se os nossos deputados também falassem? Criar e institucionalizar tal obra! E gratuitamente, com acesso a toda a gente. Obrigam toda a rapariga a passar pelo tal Curso de Formação Doméstica. Ora pois!

Fidelidade às origens

*Todo ufano, todo impante,
Diz o fruto para a flor:
— Tu, só tens as aparências,
Eu, a semente e o sabor!*

*— Coitado de ti, coitado!
Sem o meu cális fecundo!
Saías gorado ou peco,
Ou nem virias ao mundo.*

*A folha, sim... essa pobre,
É que nada tem que valha!
Quando seca, o vento a leva,
Quando verde, só farfalha!*

*— Olha lá, a presumida!
A vaidade te seduz:
Sou eu, que teço essas galas,
Dos fios de oiro da luz...*

*Agora... varas e ramos,
Tudo em nada se resume.
Só servem, depois de secos,
De alimento para o lume.*

*— Que vais, folha, aí sonhando,
Sem fio nem atadura?
Fantasias, ilusões,
Nascidas dessa verdura...*

*Pois onde iria a folhagem,
Sem esta nossa armação?
O tronco, sim... esse inerte,
Só o vemos de plantão.*

*— Querem lá ver, os ingratos,
Que paga me estão a dar!
Se eu não fosse estar de pé,
Quem os ia sustentar?*

*Mas, das raízes, o mérito,
É que eu não vejo luzir...
Que fazem elas, lá baixo,
Senão comer e dormir?*

*— Cala-te aí, tronco estulto,
Que não sabes o que dizes!
Que seria toda a planta,
Sem as obscuras raízes?*

JACINTO VEGA



Agradecimento

A FAMÍLIA DE FRANCISCO CAETANO DA SILVA

Muito reconhecida agradece a todos quantos lhe manifestaram o seu pesar, o acompanharam à sua última morada e assistiram às missas do 7.º e do 30.º dias.

GANTINHO DA GENTE MOÇA

(Continuado da pág. 6)

ser educados e gentis. A sua graça refresca-nos e restabelece o equilíbrio.

Somos demasiado cerebrais. As raparigas compreendem de repente com o coração o que nós dissecamos pensosamente com a nossa razão. A sua presença traz-nos paz. Elas são um sorriso e uma suavidade no nosso círculo de lutas.

Meu Deus, fazei que as nossas irmãs, as raparigas, sejam harmoniosas de corpo, sorridentes e vestidas graciosamente e com gosto.

Fazei que elas sejam sãs e de alma transparente.

Que sejam a pureza e a graça das nossas vidas rudes.

Que sejam para conosco simples, maternas, sem artificios nem «coqueteria». Fazei que nenhum mal haja entre nós.

E que, rapazes e raparigas, sejamos uns para os outros uma fonte, não de faltas, mas de enriquecimento».

CHÃO DE COUCE

NOVOS CRISTÃOS

Receberam o sacramento do Batismo na igreja paroquial:

Maria Odete, filha de Fernando Ferreira e de Elisa Ferreira de Sousa, de Chão de Couce. Padrinhos: António Marques Ferreira e Maria de Lurdes Marques Ferreira.

— Adriano Manuel, filho de Fernando Marques e de Maria Idília Norte dos Santos, do Pontão. Padrinhos: Alberto Lopes e Maria Lucinda dos Santos Norte.

Desejamos-lhes as bênçãos de Deus.

NOVOS LARES

Contrairam o sacramento do Matrimónio na nossa paróquia:

José Gonçalves, filho de Abílio Gonçalves e de Maria José Lopes, do Furadouro, e Rosalina Mendes Simões, filha de José Simões e de Gracinda Mendes, de Portelanos.

Apadrinharam Alberto Marques e António Lucas Afonso Lopes.

— Também na igreja de Santiago da Guarda contrairam matrimónio Francisco Rosa, daquela freguesia, e Olívia Mendes Simões, filha de Manuel Simões Casanova e de Albertina Mendes, de Lagoa da Ameixeira.

Auguramo-lhes as maiores felicidades.

NAS MÃOS DE DEUS

Faleceu na nossa freguesia José Ventura, viúvo de Maria de Jesus Melo, do Cabecinho, de 82 anos de idade. Os nossos pêsames.

DIA DO EMIGRANTE

Celebrou-se no passado dia 1 de Fevereiro o Dia do Emigrante com missa participada na comunhão por algumas centenas de pessoas.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Encontram-se entre nós, no Poeiro, vindos do Brasil o sr. Mateus Rodrigues e sua esposa D. Angelina Fernandes e filhinhas. Também vindas da Venezuela se encontra na Vila Pouca, em casa de seus pais a sr.ª D. Ricardina Freire, seu marido e filhos.

— Partiram para o Brasil, com seu filho Diamantino Fernandes, da Ponte do Freixo, o sr. Manuel Fernandes (Ourives) e esposa. Para o mesmo País partiu o sr. João dos Santos, do Ribeirinho.

AS NOSSAS FESTAS

Estão marcadas as festas da nossa freguesia que serão nos seguintes dias:

- 28 de Maio — Corpo de Deus e Profissão de Fé das Crianças;
- 12 de Julho — Santo António, na Serra do Mouro;
- 19 de Julho — S. Francisco, no Casal Soeiro;
- 26 de Julho — S. Jorge, na Pedra do Ouro.
- 2 de Agosto — Coração de Jesus (só na Igreja);



Agradecimento

José Lopes, natural da Tojeira-Avelar, actualmente residente em Luanda, e tendo-se encontrado presentemente na sua terra natal onde veio acompanhar sua mãe à sua última morada, vem por este meio, agradecer a todas as pessoas amigas que se dignaram acompanhar o funeral da extinta e agradecer também, a todos os que assistiram à missa do 7.º dia.

— 15 de Agosto — Senhora da Nazaré, no Alqueidão;

— 23 de Agosto — Senhora do Pranto, em Chão de Couce, com cortejo de fogaças e arraial.

— 4 de Outubro — Senhora do Rosário, na Capela da Ameixeira.

QUARESMA

Os dias marcados para o cumprimento do Preceito Pascal (confissão e comunhão) são os seguintes:

- 5 e 6 de Março — na Ameixeira;
- 13 e 14 de Março — em Chão de Couce, na igreja paroquial.

PARA A IGREJA

Pelo sr. António dos Santos, emigrante na Venezuela, e agora em férias no lugar de Amieira, foi entregue para a Igreja o generoso donativo de 1.000\$00.

Os nossos agradecimentos. Que Deus lhe pague.

«Café Restaurante e Mini-Mercado Cinco Vilas»

A VELAR

Este estabelecimento, a inaugurar em breve, precisa cosinheiro ou cosinheira (de preferência casal) que conheça, também, pastelaria. Boa remuneração. Guarda-se sigilo. Tratar com Francisco de Almeida Lopes — AVELAR.

Desportos

No campo de jogos de Chão de Couce decorreu, no dia 14, um torneio triangular de futebol com a participação dos Colégios de Avelar, Figueiró dos Vinhos e Condeixa.

Esperamos publicar uma crónica do acontecimento no próximo número.

Com falta de braços acentua-se a crise da Lavoura

(Continuado da pág. 3)

naç agrícolas, 109.900\$00; oficinas 950 contos; construções rurais 144 contos; aquisição de gados 477 contos; aquisição de prédios 285.

Dos números apontados, infere-se que houve preferência para os equipamentos da lavoura, efectuados através da construção e modernização das oficinas tecnológicas, destinadas à transformação industrial dos géneros agrícolas.

E os artigos primários? E a apanha da azeitona e demais trabalhos de primeira instância?

Porque não será subsidiada a apanha da azeitona, como o está sendo a colheita do arroz ou a ceifa dos triguais?

Porque na lavoura se teima em continuar a considerar uns filhos e outros enteados?

Assim difícil se torna haver entendimento entre o pequeno lavrador e os processos burocráticos de quem de direito...

Até quando? Sinceramente, gostaríamos de saber.

(Da «Gazeta de Coimbra»)

AGUDA DO PASSADO

O MINÉRIO DE FERRO

Em tempos passados foi explorado o ferro na área da freguesia de Aguda, pelo que foi construída na margem direita da ribeira d'Alge uma fábrica de ferro onde chegaram a fundir-se peças de artilharia. Chamava-se fábrica da Machuca. Como já aqui foi dito, essa fábrica foi transferida para Foz d'Alge e no local, Foz da ribeira do Caldeirão, foi construída a fábrica de fiação chamada Fábrica do Engenho.

Lá em cima fica o lugar de Chimpelas e ao lado o Casal Velho, donde eram os principais ferreiros.

O difícil acesso ao local fazia-se por péssima estrada do Avelar, Fato, Salgueiro da Lomba, atravessando o Talhadoiro.

A fábrica da Machuca data do reinado de D. João II ou de D. Manuel, em que muitas fábricas havia no país para armas e balas.

Da Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique — Doações — livro 2.º, folhas 252 v., se pode ler que Rui Lopes, morador no Espinhal, termo de Penela, se contratara com o provedor-mor dos metais, Isidro de Almeida, para abrir e lavar uma mina de ferro na Ribeira de Aja (Alge) próximo da Vila de Avelar, terras do Marquez de Vila Real.

Empreendida a obra e gastos nela uns trezentos mil reis, requereu Rui Lopes, a El-rei em cumprimento da ordenação, que lhe aforasse o terreno, o que o rei satisfez, passando-lhe carta de privilégio a 20 de Julho de 1577. O foro estabelecido foi de dois quintais de ferro por ano.

Na carta dava-se-lhe concessão para explorar o engenho de ferro com suas tiradas de água, da ribeira de **Algoia** (Alge) assim como da Ribeira da Derreada e entradas e saídas que lhe fossem necessárias, de maneira que ainda desse licença para tirar as vigas de ferro nas terras onde as houvesse e fazer o carvão de ceça nos matos maninhos como se costuma fazer.

Foi no ano de 1760 que a fábrica foi mandada encerrar e presos os seus mestres, ficando abandonada. As máquinas do engenho da Machuca foram transportadas em 1800 para a Foz do Alge, onde havia outra fábrica de fundição.

Bartolomeu da Costa, que fundiu a estátua de D. José, foi encarregado pelo Marquez de Pombal, da administração das minas de ferro e em 1794, mandado como inspector das minas de Alge.

Em 1857 a administração do engenho da Machuca, ferrarias da Foz de Alge e mata de Chão de Couce, passaram para a administração geral das matas do reino.

Da «Memória sobre as fábricas de ferro de Figueiró, por José Martins da Cunha Pessoa, publicada em 1796, nas Memórias da Academia», diz-se o seguinte:

«Junto à vila de Figueiró, se achão fabricas de Sua Magestade, em que se purificou ferro por muitos anos, uma das quaes situada na parte superior e tão antiga, que me não foi possível conhecer a sua origem, não pequeno indicio da grande utilidade que dela resultava; nesta como da outra, que se acha na ribeira de Alge, na distancia de meia legua, se fundiam peças de artilharia e faziam pregos para os navios e toda a ferragem que era necessaria para o comércio».

No ano de 1759 se mandou suspender o trabalho das ditas fabricas, com o justo motivo da pouca utilidade pela má condução das lenhas que nelas se utilizavam, concorrendo mais que tudo a insufficiente administração dos officiaes que nela trabalhavam».

A seguir: «Outras minas da região».

Vila Nova de Poiares, 1-2-970.

M. Leal Júnior

CANTINHO DA GENTE MOÇA



Como o rapaz deve encarar a rapariga

Rapariga, como podes tu ser uma presença no mundo dos rapazes?

Escuta o depoimento precioso de um rapaz — Guy de Larigaudie — que te indica exactamente como deves proceder para o conseguir:

— «As raparigas são a imagem preciosa da nossa mãe quando ela tinha a nossa idade.

Pequenas ou grandes, loiras ou morenas, elas são claras, fortes e sãs e o próprio Deus deve sorrir ao vê-las passar. Só mais tarde, quando estiveres mais amadurecido, descobrirás, entre elas, a mulher de amanhã. Hoje, considera-as simplesmente companheiras francas.

É um empobrecimento desprezar este dom de Deus, que são as verdadeiras raparigas.

Elas têm uma virtude de pureza cuja irradiação nos é salutar, a nós que temos de lutar constantemente para manter em nós essa mesma pureza.

Se elas sabem colocar-se no

seu lugar — e é delas que depende unicamente o comportamento dos rapazes na sua presença — a sua influência pode ser profunda.

Basta ver, numa praia ou na piscina, os rapazes a tentarem conquistar a admiração das raparigas. Um olhar admirativo, um sorriso, bastam para dar a um rapaz o sopro de amor próprio, que o fará saltar, apesar de todo o seu medo, do alto da prancha.

Por que razão, num plano diferente, este mesmo olhar e este mesmo sorriso não dariam a este rapaz mais luz e mais dinamismo à sua vida?

A canção de uma água viva faz esquecer a podridão. A presença das raparigas apaga as coisas grosseiras e pesadas. Algumas delas, encontradas nas horas más, clarificam-nos literalmente a alma.

Nós somos desajeitados e bruscos. As raparigas obrigam-nos a

(Continua na pág. 5)

Reunião dos Paços do Concelho de Ansião

A convite do Ex.mo Presidente da Câmara, reuniram-se, uma vez mais, os Presidentes das Juntas de Freguesia numa reunião de trabalho, tendo sido abordados os seguintes problemas:

— Taxas e licenças a que se refere o Decreto-Lei n.º 49.438 de 11-12-69 (feiras, mercados e cemitérios);

— Recenseamento eleitoral (Assembleia Nacional e Juntas de Freguesia);

— Hospitais (internamento de doentes e respectivos encargos para o concelho);

— Obras nas freguesias do concelho (não participadas pelo Estado);

— Obras nas freguesias do concelho (participadas pelo Estado).

Estiveram presentes, além do Ex.mo Presidente da Câmara, o Chefe da Secretaria e os Presidentes das Juntas de Ansião, Chão de Couce, Torre de Vale

Todos, Lagarteira, Santiago da Guarda e Pousaflores.

Depois do Ex.mo Presidente ter feito uma demorada exposição sobre o aspecto de desenvolvimento de diversas obras em execução e a executar no concelho, todos os Presidentes das Juntas enumeraram as necessidades mais prementes, tendo sido tomada boa nota de tudo.

Seguidamente, o Chefe da Secretaria fez uma explanação sobre os assuntos que se prendem com os recenseamentos eleitorais em decurso, com a nova tabela de taxas e emolumentos a aplicar no concelho, de modo a ser uniforme o procedimento. Finalmente, e a convite do sr. Presidente da Junta de Santiago da Guarda, todos se deslocaram àquela localidade, vistoriando obras, locais e necessidades a satisfazer, tendo sido obsequiados com um almoço oferecido pelo sr. Presidente da Junta local.

TODOS OS DIAS A VIRTUDE SALVA O MUNDO.

Lemaitre



Pelo Progresso Espiritual e Social da Região

NOTA DO MÊS

PARA CASAR... UM CURSO DE DONAS DE CASA...

Dizem as gazetas que em terras da América um senhor deputado ergueu a voz a sugerir que, de futuro, as candidatas ao casamento sejam obrigadas a estar bem aptas a cozinhar e a lavar a roupa dos seus maridos.

A notícia que lemos refere textualmente:

«Um senador do Massachusetts apresentou uma lei que torna obrigatório para as esposas cozinhar e lavar a roupa dos maridos.

Na sua porposta, o senador Paul Cavanaugh diz: «Independentemente de qualquer lei de carácter geral ou especial em contrário, deve considerar-se como obrigação das esposas preparar as refeições e lavar a roupa dos seus maridos».

Cavanaugh acrescenta que a nova lei lhe foi sugerida pelo pedido de um electricista, Bill Farrell, de 39 anos, que declarou «ser altura de dar um pouco de dignidade ao casamento».

Ora aí temos uma ideia extraordinária! Cozinhar e lavar. Entretanto, se nos permitem, nós vamos mais longe: dizemos que toda a rapariga antes de casar seja obrigada a frequentar, com boas provas, um Curso de Formação Doméstica.

Toda a gente concordará que não deve ter graça, mesmo graça nenhuma, um marido, depois da aliança do casamento, pôr casa e ter de vê-la suja, sem gosto e desarrumada, e, por outro lado, ter as roupas ao «Deus-dará... Que também será muito desagradável ir almoçar e ter a comida esturrada, mal adubada, salgada ou insossa...

Não é isto que essencialmente fará a felicidade — dir-nos-ão... Não. Não é tudo mas é quase tudo!

Que alegria de viver poderá ter um parzinho, mal-los filhos, onde não haja tais condições?

A par duma educação esmerada na família um Curso de Donas de Casa!

O pior é que não há quem convença certas mãezinhas (no meu tempo não era assim...) nem, por vezes, as filhas que passam quase todo o dia na fábrica e que, por isso, não lhes sobra tempo para se prepararem para a vida.

Haja em vista o que já sucedeu em terras da nossa região em que muitas jovens, podendo, não aproveitaram devidamente tal benefício.

(Continua na pág. 5)

FEVEREIRO DE 1970

Fez 100 anos!

Mais uma centenária na nossa região!

Trata-se da sr.ª Ana da Conceição Rocha, viúva de Joaquim Simões Estanqueiro, mãe dos srs. António Simões Estanqueiro Rocha, residente em Vendas de Maria, José Estanqueiro Rocha, residente em Chão de Couce e Alberto Simões Estanqueiro Rocha, residente na Ribeira de Alge.

Fez 100 anos no passado dia 24 de Janeiro — dia em que a família se reu-



niu, em convívio festivo, para celebrar tão insólito acontecimento. Mostra ainda razoável saúde e lucidez de espírito a que não falta certa graça e jovialidade nos seus dizeres.

A sr.ª Ana Rocha teve 8 irmãos entre os quais o sr. Padre José Lopes Rocha que foi missionário em terras de África e, também, pároco de Avelar. Além de 3 filhos tem 9 netos e 5 bisnetos.

Felicitemos a feliz centenária e sua família desejando-lhe que mais anos conte!

«Voz das Cinco Vilas» apresentará, oportunamente, um ameno diálogo com esta simpática velhinha.